



A Santa Sé

**DISCURSO DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II
AOS BISPOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL
DO EQUADOR EM VISITA AD VISITA
"AD LIMINA APOSTOLORUM"**

Segunda-feira, 20 de maio de 2002

Queridos Irmãos no Episcopado!

1. *É com prazer que vos recebo hoje, Pastores e guias das Igrejas particulares do Equador, durante a visita ad limina que realizais para renovar os vínculos de unidade com o Sucessor de Pedro, "princípio e fundamento perpétuos e visíveis da unidade de fé e de comunhão" (Lumen gentium, 18). Diante dos túmulos dos Apóstolos Pedro e Paulo tivestes a ocasião de aprofundar o aspecto mais íntimo da vossa missão apostólica: ser testemunhas de Cristo e anunciadores incansáveis da sua mensagem ao Povo de Deus e a todos os homens. Além disso, o contacto com os diversos Organismos da Cúria Romana não só vos ofereceu a oportunidade de tratar os assuntos que estão directamente relacionados com as comunidades cristãs às quais presidis, mas também de tomar uma consciência mais clara da dimensão universal que diz respeito a todos os sucessores dos Apóstolos, dando assim novo estímulo à solicitude por "toda a actividade comum à Igreja inteira, em ordem sobretudo a dilatar a fé e a fazer brilhar para todos os homens a luz plena" (Lumen gentium, 23).*

Agradeço sentidamente as palavras que me dirigiu, em nome de todos, o Senhor Cardeal António J. González Zumárraga, Arcebispo de Quito e Primaz do Equador, com as quais manifestou os vossos sentimentos de proximidade e adesão, fazendo-me participar, ao mesmo tempo, das numerosas aspirações pastorais que vos animam.

Face aos desafios que vos preocupam, desejo reafirmar-vos o meu encorajamento com as palavras que pronunciei na minha inesquecível visita ao vosso País: iluminados por tantos exemplos de história gloriosa e fortalecidos pelo Espírito Santo, "continuai o vosso trabalho pastoral, e procurai dar uma resposta às necessidades e aos problemas que a Igreja experimenta

hoje no Equador" (*Discurso na Catedral metropolitana*, Quito, 29 de Janeiro de 1985, n. 2).

2. Vejo com satisfação como vós, Pastores do Equador, aceitastes aquele convite, que recentemente propus a toda a Igreja, ao sugerir que se façam indicações programáticas concretas para cumprir a exigência de "levar o anúncio de Cristo às pessoas, plasmar as comunidades, permear em profundidade a sociedade e a cultura através do testemunho dos valores evangélicos", como exortei no final do grande acontecimento espiritual e eclesial do Grande Jubileu (*Novo millennio ineunte*, 29). Em sintonia com este critério foi elaborado o "Plano global de pastoral da Igreja no Equador 2001-2010", que se propõe realizar actividades efectivas, continuadas e coordenadas que dinamizem a pastoral ordinária nesta primeira década do novo milénio.

Neste sentido, recordo-vos que qualquer plano pastoral deve ter como meta última e irrenunciável a santidade de todos os cristãos, que não pode "contentar-se com uma vida medíocre, pautada por uma ética minimalista e uma religiosidade superficial" (*ibid.*, 31). Por isso, não devem ser poupados esforços para promover aqueles recursos mais fundamentais da acção evangelizadora, sem os quais seria comprometido seriamente o bom êxito de qualquer programação. Entre eles, deve ser incluída, sem dúvida, uma pastoral vocacional pormenorizada e organizada, que tenha em conta os ambientes do mundo indígena com as suas peculiaridades, mas sem criar separações nem, muito menos, discriminações. De facto, quantos estão chamados a ser apóstolos de Cristo, devem proclamar e dar a todos, sem distinção, testemunho do Evangelho.

Deve ser dada grande atenção também à formação permanente dos sacerdotes, que contemple, além da devida actualização teológica, um empenho constante na sua vida espiritual, que contribua para fortalecer a fidelidade aos compromissos assumidos com a ordenação e torne dinâmica toda a sua obra pastoral a partir da sua experiência de vida em Cristo.

É necessário dedicar especial atenção à formação dos leigos e ao seu papel e missão na Igreja. Em muitos casos a sua colaboração nas tarefas mais directamente eclesiais, como a catequese, as actividades caritativas e a animação de grupos e comunidades, é um contributo precioso para a acção da Igreja e, precisamente por isso, é necessário evitar qualquer forma de actuação que não se integre plenamente na vida paroquial ou nos programas diocesanos.

Além disso, os fiéis leigos têm uma tarefa específica, isto é, o testemunho de uma vida exemplar no mundo, a busca da santidade na família, no trabalho e na vida social, assim como o compromisso de impregnar "de espírito cristão o pensamento e os costumes, as leis e as estruturas da comunidade em que vivem" (*Apostolicam actuositatem*, 13). Por isso, é preciso pedir a todos os baptizados não só que manifestem a sua identidade cristã, mas também que sejam artífices efectivos, no seu âmbito de competências, de uma ordem social inspirada cada vez mais na justiça e menos condicionada pela corrupção, pelo antagonismo desleal ou pela falta de solidariedade.

Seria um absurdo invocar os princípios éticos, denunciando algumas situações moralmente deploráveis, e não exigir de quantos trabalham no âmbito da economia, da política ou da administração pública que ponham em prática os valores proclamados com tanta insistência pela Igreja e pelos seus Pastores.

3. A Igreja começa o novo milénio com a firme convicção de que "Cristo há-de ser proposto a todos com confiança" (*Novo millennio ineunte*, 40), fiel ao mandamento do Senhor de "fazer discípulos em todas as nações" (*Mt* 28, 19). Esta exigência inclui também as crianças e os jovens nas diversas fases da sua educação, onde o desenvolvimento integral da pessoa exige a dimensão transcendente e religiosa. Por isso, a missão da Igreja neste campo coincide com o direito fundamental das famílias de educar os filhos de acordo com a própria fé. Os Pastores não podem permanecer impassíveis perante o facto de que uma parte das novas gerações, sobretudo as menos dotadas de meios económicos, se veja privada da abertura ao significado da vida e de uma formação religiosa que será fundamental para toda a sua existência. É desejável que, com a colaboração sincera entre todos os que têm a responsabilidade neste campo, se encontrem as fórmulas adequadas para que o direito à liberdade de educação se torne depressa uma realidade mais total e efectiva para todos.

Além disso, é preciso propor a mensagem de Cristo com confiança aos diversos grupos culturais e étnicos, dos quais o Equador, por natureza e história, é particularmente rico. Nesta tarefa apaixonante são iluminadoras as palavras de São Paulo que, por um lado se faz "tudo para todos, para salvar alguns" (*1 Cor* 9, 22) e, por outro, insiste para que, com a revelação definitiva de Deus em Cristo, não haja "judeu nem grego... pois todos vós sois um em Cristo" (*Gl* 3, 28), mesmo que para alguns possa ser escândalo e loucura para outros (cf. *1 Cor* 1, 23).

De facto, a Igreja, firmemente radicada na fé em Cristo, único Salvador de todo o género humano, considera uma grande riqueza a multiplicidade das formas, provenientes de sensibilidades e tradições diversas, nas quais se pode exprimir a única mensagem evangélica e eclesial. Desta forma, põe-se em relevo o respeito devido a cada cultura e, ao mesmo tempo, a sua capacidade de ser transformada e purificada para se tornar uma forma íntima na qual todas as pessoas ou grupos podem encontrar o único Deus, plena e definitivamente revelado em Cristo. Precisamente esta convergência fundamental na mesma fé fará as vezes de fermento, para que as diversas línguas e sensibilidades encontrem fórmulas de expressão religiosa e litúrgica que realcem a comunhão íntima com a Igreja universal e evitem atentamente que, nas comunidades cristãs, haja "estrangeiros (ou) hóspedes, mas... concidadãos dos santos e familiares de Deus" (*Ef* 2, 19).

De facto, uma atitude que consistisse em ocupar-se exclusivamente em manter intactas todas as componentes tradicionais de um grupo humano, não só comprometeria o anúncio autêntico da Boa Nova do Evangelho, que é também fermento nas diversas culturas e promotora de nova civilização, mas que, paradoxalmente, também iria favorecer o seu isolamento em relação às outras comunidades, e sobretudo em relação à grande família do Povo de Deus presente em todo

o mundo.

4. No vosso País, sobretudo em alguns territórios, é muito importante a obra evangelizadora realizada por numerosos missionários, sacerdotes, religiosos e religiosas, que muitas vezes estão afastados da sua Pátria de origem, aos quais é preciso agradecer de coração o generoso dom de si. Com abnegada dedicação eles recordam-nos que a evangelização não conhece fronteiras e que também as comunidades eclesiais equatorianas devem orientar a sua atenção pastoral para além das suas fronteiras. A este respeito, é encorajador que o aumento de vocações à vida contemplativa tenha permitido nos últimos anos ajudar os mosteiros noutros Países. É um sinal do impulso missionário que nunca deve faltar em qualquer comunidade cristã e que é desejável que se continue a promover com decisão e numa perspectiva clarividente.

Existem também muitos equatorianos que, sobretudo nos últimos anos, deixaram a sua terra para irem à procura de melhores condições de vida, enfrentando muitas vezes enormes dificuldades de carácter material e espiritual. Com a atitude do Bom Pastor, convido-vos vivamente a ocupar-vos de maneira eficaz desta parte da grei, planificando uma pastoral da emigração que ajude as famílias desagregadas a não perderem o contacto com os que estão no estrangeiro e que estabeleça os elos de ligação necessários com as Dioceses de destino, a fim de lhes garantir a assistência religiosa necessária, de forma a que as suas raízes e tradições cristãs não enfraqueçam. Mesmo se muitos deles não poderão voltar, pelo menos a breve prazo, é preciso fazer o possível para que os núcleos familiares se possam recompor e para que todos os que já sofreram por terem de abandonar a sua terra-pátria, não sintam também o abandono dos seus Pastores e da comunidade eclesial que os fez nascer na fé.

5. Estimados Irmãos, estou consciente das numerosas preocupações que acompanham o vosso ministério pastoral, como a instabilidade de numerosas famílias, a desorientação em grande medida da juventude, a influência de mentalidades laicistas na sociedade, uma certa superficialidade na prática religiosa ou o ataque das seitas e dos grupos pseudo-religiosos. Além disso, viveis, com os vossos fiéis, a ansiedade de uma situação social e económica cheia de incertezas.

Perante todas estas realidades, que podem fazer pensar num horizonte obscuro para as vossas comunidades cristãs, desejo encorajar-vos a não desanimar e convido-vos "a ter o mesmo entusiasmo dos cristãos da primeira hora" (*Novo millennio ineunte*, 58). A extraordinária experiência eclesial do Grande Jubileu do ano 2000 continua a ser instrutiva, porque pôs em relevo a capacidade inexaurível da mensagem de Cristo de chegar aos corações dos homens de hoje e a incomensurável força transformadora do Espírito, fonte de uma esperança que "não desilude" (*Rm* 5, 5). Também hoje devemos escutar as palavras que Jesus dirigiu aos seus discípulos amedrontados: "Digo-vos isto para terdes paz em Mim; no mundo tereis aflições, mas tende confiança! Eu venci o mundo!" (*Jo* 16, 33).

6. Peço à nossa Mãe do Céu, que invocais como *Nossa Senhora da Apresentação do Quinche*, que vos oriente no ministério pastoral que vos foi confiado e que proteja todos os amados filhos e filhas equatorianos. Peço-vos que lhes transmitais a afectuosa saudação do Papa, sempre muito próximo de todos os seus desejos e preocupações. Transmitem também o agradecimento sincero da Igreja aos vossos sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos empenhados, pela sua generosa dedicação à causa do Evangelho. Tenho-os presentes a todos nas minhas orações e concedo-lhes de coração, assim como agora a vós, a Bênção apostólica.